

O GRANDE ÓRGÃO DE TIBÃES E O SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO

THE TIBÃES PIPE ORGAN AND ITS CONTEXT OF PRODUCTION

Agnès Le Gac

*Departamento de Conservação e Restauro, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa,
Campus da Caparica, 2829-516 - Caparica, Portugal
alg@fct.unl.pt*

*Laboratório de Instrumentação, Engenharia Biomédica e Física da Radiação (LIBPhys-UNL) Departamento de Física,
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa Campus da Caparica, 2829-516 - Caparica, Portugal.
legac.agnes@gmail.com*

Paulo Oliveira

*Mosteiro S. Martinho de Tibães, Direcção Regional da Cultura do Norte, 4700-565 - Mire de Tibães, Portugal.
poliveira@culturanoorte.pt*

Maria João Dias Costa

*Mosteiro S. Martinho de Tibães, Direcção Regional da Cultura do Norte, 4700-565 - Mire de Tibães, Portugal.
diascosta@culturanoorte.pt*

RESUMO

Em 1984, sobre o órgão existente na Igreja do Mosteiro de Tibães, W. D. Jordan divulgou os nomes do organeiro, do entalhador da bacia e do ensamblador responsável pela caixa, bem como o montante que estes receberam pelo seu trabalho, mas ficou quase tudo por dizer em termos de logística, recursos materiais e humanos. Com o intuito de alimentar a fortuna crítica sobre a organaria em particular e as Artes Decorativas em geral, este artigo explora o *Livro das Obras* onde foram registadas todas as despesas suportadas com esta monumental empreitada. Permite assim reavaliar o período da sua execução, os pagamentos parcelares e o seu custo global, ter uma melhor apreciação quanto às matérias-primas usadas, à natureza dos serviços prestados e à diversidade dos ofícios envolvidos. Esta leitura permite retratar, num contexto tanto civil como religioso, aspetos históricos, geográficos, socio-económicos, tecnológicos e artísticos próprios do último quartel do século XVIII, em Portugal.

PALAVRAS-CHAVE

Artes Decorativas | órgão | matérias-primas | ofícios | transporte

ABSTRACT

In 1984, W.D. Jordan published the identity of the Masters in charge of the large 1785-pipe organ installed in the church of the Tibães Monastery – the organ builder, the carver and the assembler responsible for the case –, including the amount they were paid for their work. However, very little was said in terms of logistics, material and human resources. In order to shed further light on organ building and Decorative Arts in general, this paper explores the data recorded in a Tibães account book about this monumental undertaking, to reassess the period of its implementation and its overall cost, and to have a better understanding of the raw materials used, the quality of services and the diversity of trades then involved. This reading allows to portray historical, geographical, socio-economical, technological and artistic aspects of the later 18th C, in Portugal, within a context leading with both civil and religious concerns.

KEYWORDS

Decorative Arts | pipe organ | raw materials | Trades and Crafts | transport

INTRODUÇÃO

Sobre o grande órgão da igreja do Mosteiro de São Martinho de Tibães [fig.01], dado como realizado no triénio de 1783-1786 durante o abaciado de Fr. Joze Joaquim de Santa Tereza, para a casa-mãe da Ordem de São Bento, muita informação já foi divulgada. A começar por Robert Smith que, a pretexto do seu estudo sobre os cadeirais de Portugal, revelava o importante contributo do monge beneditino José de Santo António Ferreira Vilaça (Braga 1731 – 1809 Tibães), desenhador dos riscos da caixa e da bacia do órgão que deviam ser entalhadas para a referida igreja (Smith, 1968: 45). Informação que Smith também reiterou na monografia que publicou sobre este irmão donato, exímio nas obras que concebeu e nas que entalhou para as igrejas das Dioceses de Braga e de Porto, afirmando-se, na segunda metade do século XVIII, como um homem polivalente e especialmente dotado no campo da Escultura (Smith, 1972). Mas é Wesley Jordan que, num artigo fazendo a síntese sobre as obras do Mestre organeiro Dom Francisco António Solha, divulgou a identidade do Mestre organeiro vimaranense Solha enquanto criador e construtor do instrumento de Tibães, e também o nome do Mestre entalhador João Bernardo da Silva, assistente em Braga, para o fabrico da caixa, e o nome do Mestre ensamblador Luis José de Sousa Neves, de Santo Tirso, para o fabrico da bacia e da varanda do órgão (Jordan, 1984: 132-136). Jordan baseou-se, para o efeito, nos arquivos beneditinos então disponíveis no Arquivo Distrital de Braga, dando também a conhecer o montante destas três empreitadas, que representaram a quantia avultada de um milhão, vinte seis mil duzentos e cinquenta réis (1 026\$250). Apesar de Jordan ter feito algumas referências a dados constantes do *Livro das Obras* N.º 466 do

Mosteiro de Tibães, que cobre o período de 1776 a 1789, não chegou a tirar partido do seu conteúdo.

Neste artigo, pretende-se justamente estudar pormenorizadamente os dados registados nesta fonte (ADB-UM, FMC, Tibães, *Livro das Obras*, 466; Lessa, 1998: 128-134), na qual os “Monges Gastadores”, que assumiam temporalmente o cargo de tesoureiro da comunidade de Tibães, tinham a obrigação de consignar qualquer gasto associado às obras então a decorrer no mosteiro. Este livro de despesas oferece um manancial supreendente de informação que abrange os materiais adquiridos e produtos transformados, o seu custo, por vezes os lugares donde provinham, o seu transporte e muitos dos recursos humanos implicados nos diversos empreendimentos; além de recorrer a uma terminologia específica de alguns setores, que pode ajudar a reconstituir um campo lexical próprio dos ofícios então exercidos.

Analisando os dados registados neste *Livro das Obras* entre 1780 e 1786, pretende-se alimentar a fortuna crítica sobre a organaria em particular e as Artes Decorativas em geral, contribuindo para a recriação dos contextos histórico e técnico-artístico em que se concretizaram as três empreitadas aferentes ao grande órgão de Tibães. Pelo que se procurou reavaliar o período da sua execução, os pagamentos parcelares e o seu custo global, e ter uma melhor apreciação quanto às matérias-primas usadas, à natureza dos serviços prestados e à diversidade dos Ofícios envolvidos; sem perder de vista a dimensão social e religiosa que o projeto teve e a sinergia de competências necessárias para levar a bom termo a sua concretização.

FONTES E METODOLOGIA DE ESTUDO

Para servir este objetivo, reuniu-se numa primeira tabela estruturada em 8 colunas, as 173 entradas do *Livro das Obras* identificadas como sendo “para o órgão” ou “para o órgão novo”. Não sendo possível

reproduzir esta ferramenta de trabalho na íntegridade, a [tab.01] aqui apresentada exemplifica o tipo de dados compilados. E com base na leitura transversal do conjunto dos dados, apurou-se os gastos tidos



Fig. 01 · Vista geral do grande órgão da igreja do Mosteiro de Tibães.
© L. Arinto & A. Le Gac.

com 1) as Empreitadas, 2) os Trabalhos e Serviços, e 3) os Materiais [tab.02], assumindo o risco de as despesas ficarem aquém daquelas que foram na realidade, se mais pagamentos associados ao órgão careceram desta menção explícita.

Este exercício permitiu separar os dados aferentes exclusivamente à obra em análise, de outros instrumentos musicais então existentes ou que existiram no Mosteiro de Tibães. Recorda-se que iniciada a ampliação do conjunto monástico de Tibães na primeira metade do século XVII, a igreja contou rapidamente com a construção de dois órgãos – um grande e um pequeno – e que mais do que um realejo, enquanto órgão portátil com maior maneabilidade, também foram objeto de sucessivas encomendas, uso e concertos ao longo do tempo (ADB-UM, CSBP, EM, Tibães, *Estados de Tibães*, Pastas 111-113; ADB-UM, FMC, Tibães, *Livros das Obras*, 464-465; Lessa, 1998: 127-128).

Para ter uma melhor apreciação do contexto de encomenda e realização do grande órgão de tubos, procurou-se confrontar a informação sobre ele obtida com várias fontes:

- 1) Os *Estados* do Mosteiro de Tibães do mesmo período (ADB-UM, CSBP, *Estados de Tibães*), os então relatos trienais que todos os mosteiros beneditinos deviam entregar nas reuniões em Capítulo Geral. Estes *Estados* permitiram de facto aferir as despesas tidas com as obras relatadas, sobretudo sabendo que a menção das empreitadas nos livros de contas nem sempre foi a mais rigorosa, dependendo do Tesoureiro;
- 2) As cláusulas jurídicas do *Contrato de obrigação*, que assinou o Mestre organeiro D. Francisco António Solha em 1778, referentes à execução do órgão da Igreja de Santa Marinha da Costa, em Guimarães¹. Jordan publicou este contrato através

1. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (AMAP), Guimarães, Livro de Notas, 191, B-14-215, fols. 128v-130. Leitura paleográfica por Agnès Le Gac e Paulo Oliveira.

de fotografias dos fólhos manuscritos, mas este meio de divulgação não favorecia a sua leitura (Jordan, 1984: 129-131). Cientes da importância desta fonte e das considerações que permitiria tecer em torno da contratação do órgão de Tibães, da qual ainda não se achou o ato notarial, procedeu-se à transcrição paleográfica do original de Guimarães [anexo.01]. O mesmo esclarece, de facto, o que era então exigido ao organeiro, qual a sua envolvimento nos custos, quais as especificidades do instrumento a construir, qual o montante global da empreitada e quais os pagamentos acordados;

- 3) O *Contrato da Obra da Caixa do Órgão da Igreja*² do Mosteiro de Tibães, que assinou o Mestre entalhador João Bernardo da Silva a 2 de setembro de 1783, cujo documento se encontrou durante a presente investigação, nos arquivos tabeliônicos de Francisco Xavier da Costa Araújo. Entendido de imediato o peso desta descoberta, transcreveu-se a sua leitura paleográfica [anexo.02]. Serviu esta fonte inédita também para articular e cruzar o seu

conteúdo com o das restantes. Mostrou ser essencial em vários aspectos, e muito especialmente para compreender as expectativas dos beneditinos quanto à execução, para a sua igreja em Tibães, não de uma caixa de órgão mas sim de duas idênticas: uma que receberia a máquina do órgão e outra que serviria de órgão “mudo”, instaladas frente a frente na nave para produzir um rigoroso efeito de simetria;

- 4) A obra *L'Art du facteur d'orgues*, que François Bédos de Celles, monge beneditino da Congregação de Saint-Maur (França), publicou em vários volumes entre 1766 e 1770. Esta fonte, concomitante do período histórico que nos ocupa, foi fulcral pelo caráter excepcional da informação disponibilizada, nomeadamente para ter um melhor entendimento de certas premissas materiais e tecnológicas próprias da organaria;
- 5) Com publicações recentes suscetíveis de aportar novas luzes sobre as práticas oficinais e artísticas do século XVIII, em Portugal.

ASPETOS CRONOLÓGICOS E FASEAMENTO DA OBRA

Atendendo a que os pagamentos de materiais e recursos diversos deviam ser registados por ordem cronológica no *Livro das Obras* de Tibães, uma das mais-valias desta fonte é a de dar uma visão global do período em que se planeou e se fez o órgão. Este período, mais extenso do que se publicou até à data, iniciou-se claramente na primavera de 1780, quando se registou o primeiro contacto havido com o organeiro (ADB-UM, FMC, Tibães, *Livro das Obras*, 466, fl. 40v), e se prolongou até janeiro de 1786, quando se procedeu aos derradeiros acabamentos, nomeadamente a compra de vidros para a casa dos foles (ADB-UM, FMC, Tibães, *Livro das Obras*, 466, fl. 117) [tab.01]. Ficou o ano de 1785 como termo efetivo da obra de organaria, de entalhe das diferentes

partes constituintes do móvel, da montagem de ambos e do revestimento cromático geral. É na policromia então finalizada que o próprio Mestre organeiro Solha deixou a marca da sua autoria pintada em três cartelas na fachada do órgão, datando o instrumento de 1785.

A leitura das diferentes entradas permitiu distinguir cinco fases [tab.03], com o projeto delineado em 1780, portanto já no triénio anterior, sob o Abaciado de Fr. Bento do Pilar conforme o relatava sumariamente o *Estado* deste período (ADB-UM, CSBP, *Estado*, Pasta 113, fl. 10). A primeira fase, nitidamente preparatória, acusou os primeiros grandes investimentos, nas aquisições em larga escala de castanheiros

2. ADB-UM, Notarial de Tibães, 1ª série, Livro 109, fls.121-122. Descoberta do documento e leitura paleográfica por Paulo Oliveira.



Fig. 02· Detalhe da ilharga direita do órgão que mostra elementos da tubagem, da varanda e da policromia da caixa.
© L. Arinto & A. Le Gac

e de metais logo no início de 1781, e sem que se registre a utilização destes materiais antes de 1783. Devia-se assegurar a importação do estanho e do chumbo de Inglaterra, como se verá, e a melhor secagem da madeira durante dois anos, antes da sua aplicação. As três fases seguintes mostram também um faseamento racional, apostando ainda em 1783 na gestão do projeto a nível do desenho do móvel (com autoria e supervisão de Frei José de Sto. António Vilaça), da acomodação arquitetónica do futuro instrumento e da contratação das empreitadas para o entalhe da caixa, da bacia e da varanda do órgão. São os anos de 1784 e 1785 que refletem melhor o conjunto de atividades próprias da fase de execução, pelo número de mercadorias e de serviços pagos à medida das necessidades. Ressaltam aspetos específicos do fabrico do instrumento – como a fundição dos tubos, a criação dos foles, a construção da mecânica com todas as ferragens imprescindíveis ao seu bom funcionamento [fig.02], e da produção dos aparatosos elementos de talha. A quinta fase, restrita a algumas semanas em finais de 1785, inícios de 1786, concluiu um processo complexo mas

realizado nos devidos tempos, com a quitação das empreitadas contratadas.

Convém insistir no facto de que, para os elementos com função também estrutural, mas sobretudo ornamental como eram a caixa, a bacia e a varanda do órgão, cada um deles foi produzido nas oficinas respetivas do Mestre entalhador João Bernardo da Silva, assistente em Braga, e do Mestre ensamblador Luís José de Sousa Neves, de Santo Tirso. Ficando os materiais por conta deles – pelo que se sabe do contrato com o primeiro, e pela ausência de despesas diretas em favor do segundo –, o fabrico destas partes teve pouco, senão nenhum reflexo no *Livro das Obras*. O fabrico do instrumento decorreu maioritariamente na oficina de Solha. Os tubos foram transportados desta cidade para Tibães em Dezembro de 1785 (ADB-UM, FMC, Tibães, *Livro das Obras*, 466, fl. 112) [tab.01]. Contudo, se o dito fabrico teve melhor expressão no livro de despesas, deveu-se ao facto de que as matérias-primas estavam a cargo dos monges, e aparentemente ao facto de que as chapas e alguns tubos para canalizar o vento foram simultaneamente produzidas no mosteiro.

MATÉRIAS-PRIMAS

MADEIRA

A leitura do contrato que assinou Solha em 1778 para o fabrico do órgão da igreja de Santa Marinha da Costa, em Guimarães, é interessante no tocante à madeira, porque explicita que deviam ser os religiosos a fornecer a mesma, não obstante a possibilidade de o organeiro vir a completar o que faltaria [anexo.02]. Supõe-se que a situação terá sido semelhante para o órgão que contratou a comunidade de Tibães, tendo em conta:

- 1) O custo das madeiras que os monges assumiram e que orçou 72\$460 réis [tab.02];
- 2) O *Contrato da fabrica da Caixa do órgão* que assinou João Bernardo da Silva em 1783, em que havia de ser ele, o entalhador, a suportar a despesa da matéria-prima [anexo.02].

Contudo, na falta do contrato para o fabrico da bacia e da varanda da obra de Tibães, que talvez prevesse outras disposições, não se pode afirmar com segurança que a madeira maioritariamente adquirida entre 1781 e 1784 fora reservada à máquina do instrumento musical.

Pelo *Livro das Obras*, verificou-se o recurso exclusivo à madeira de castanho e de proveniência local, da região Norte de Portugal [tab.01]. Esta escolha fazia sentido numa zona continental especialmente rica em soutos de castanheiros, tendo esta espécie autóctone *Castanea sativa* Miller sido muito importante na então economia das populações rurais, pela sua dupla aptidão em produzir fruto e madeira (Silva, 2007). Numa gestão sábia de suportes, a madeira foi adquirida sob três formas: de árvores em pé, sendo

depois abatidas; em pau, árvores já derrubadas e por serrar; em madeira aparelhada, couçoeiras e tábuas [tab.01]. Importa realçar o facto de que nem toda a madeira tinha o mesmo ponto de origem, e que alguns locais de abastecimento encontravam-se a dias de viagem de Tibães, seja de barco ou às costas de burro. Os monges não pouparam esforços para procurar castanheiros adaptados às características monumentais da obra, a tal ponto que, entre as árvores compradas já cortadas e que se presume deviam estar em boas condições, verificou-se a compra de um castanheiro ainda por “arrancar”, em Ferreiros de Gerás [tab.01]. Esta compra de uma árvore ainda em pé atesta a dificuldade em se encontrar castanheiros de grande porte e centenários para tirar deles bom proveito de tabuado largo e comprido; com a agravante, para os monges, de terem que gerir eles próprios o abate e a lenta secagem da madeira para garantir a sua qualidade e estabilidade dimensional a longo prazo.

A eleição da essência da madeira empregue no órgão de Tibães permitiu fazer uma comparação com o que recomendava Bédos de Celles, o qual somente concebia a concretização dos elementos lenhosos de um órgão (canaria, teclados, someiro, estruturas várias) com madeira de carvalho. Note-se que as madeiras de castanho e de carvalho, ambas fagáceas, foram logo reconhecidas pela sua robustez e resistência, e pelas suas propriedades mecânicas, nomeadamente para produzir elementos estruturais em grandes máquinas retabulares, como foi o caso em Portugal desde o século XV. Tanto o carvalho como o castanho permitem esculpir formas maciças como ornatos muito precisos.

METAIS

Estanho

No contrato de 1778 para a igreja do mosteiro de Santa Marinha da Costa [anexo.01], a cláusula relativa

ao estanho apenas servia para assinalar que os tubos do órgão antigo deviam ser reutilizados pelo próprio organeiro, pelo preço ajustado de 70 réis o arrátel de metal. Esta fonte nada dizia sobre a eventualidade

de se adquirir, e por quem, estanho novo. O facto de o *Livro das Obras* de Tibães permitir aferir a compra de estanho pelos beneditinos, implica à partida que no contrato que Solha assinara com o representante do Abade, o estanho ficava a cargo do mosteiro. A informação que se tem de uma importante carga de estanho e de chumbo ter sido importada de Londres [tab.01, 04] é fulcral em muitos aspetos. Evidencia a escolha dos monges de Tibães – a menos que tenha sido a pedido do organeiro – de recorrer a metais extraídos fora do Reino, mesmo que o estanho e o chumbo contassem entre os minérios mais abundantes em Portugal e fossem, como todo o metal achado em solo português, objeto de rigorosas regulamentações régias (Sousa, 1827, II: “Minas” [s.p]). Parece que o estanho e o chumbo ingleses tinham melhor reputação que o estanho e o chumbo lusos. Talvez os métodos extrativos então aplicados a nível nacional não permitissem obter metais da qualidade desejável. Verificou-se mesmo assim, em 1783, algum transporte de estanho com um valor associado à compra do metal (ADB-UM, FMC, Tibães, *Livro das Obras*, 466, fl. 82v), sendo então o seu peso expresso em arrátel (e não em quintal como em 1781). Estas situações parecem indicar que se tinha esgotado a reserva de estanho importado. Para a nova leva, como para as aquisições de outros metais que decorreram no período 1783-1785 e eram sistematicamente encaminhados do Porto para Tibães, não é possível determinar a sua origem, se local ou estrangeira [tab.01]. Do estanho e chumbo pagos ao organeiro, com o qual tinha produzido um certo número de tubos (ADB-UM, FMC, Tibães, *Livro das Obras*, 466, fl. 112), nada se sabe.

Importa referir que o beneditino francês Bédos de Celles recomendava o estanho vindo de Inglaterra, mais especificamente de Cornualha, por ser branco e firme (Bédos de Celles, 1766, II: 312). O estanho proveniente da Alemanha, via Hamburgo, ou da Holanda, vendido sob o label de Étain en briques, dificilmente podia competir com este. Tinha a reputação de ter já servido no processo de estanhagem de lâminas de ferro na produção de “folhas de Flandres”, e portanto de ser contaminado. Se era assumida a potencial oxidação do estanho ao ar, também era conhecida a sua resistência à corrosão,

daí a importância de não diminuir esta qualidade em presença de elementos ferrosos. Da presença de ferro nos tubos de um órgão resultava literalmente a morte do instrumento, pelo que o estanho seleccionado tinha um papel decisivo na boa conservação da tubagem e do seu timbre.

Chumbo

Relativamente ao chumbo, Bédos de Celles só reconhecia a validade daquele que vinha também de Inglaterra, que julgava mais firme, sólido e bem purificado, ou da Alemanha neste caso, tido como o mais dúctil (Bédos de Celles, 1766, II: 314). As quantias muito elevadas de chumbo adquiridas na empreitada de um órgão, como se verificou no caso em estudo, explicava-se pela relação chumbo-estanho na liga produzida para os tubos e para a sua *étouffe*. No caso de Solha, a liga poderia conter entre 50 a 70 % de chumbo. Enquanto Bédos de Celles referia proporções podendo efectivamente atingir 25 a 30 libras de estanho por 100 de chumbo, consoante a ductilidade dos metais, também reconhecia que cada mistura era própria de cada organeiro. O importante era evitar fundições sucessivas que adulteravam as propriedades da liga. Esta recomendação continha já em si um alerta claro perante a prática comum que, por economia, consistia em “reciclar” a tubagem de um órgão velho para a aplicar em órgão novo.

Outros metais

Outros metais foram registados: o ferro, o latão e o arame, seja esse vendido em “leaças” (isto é, em “liaças” ou “molho”, para vergas unidas e atadas entre si (Bluteau, 1716, V: 105 e 547) ou “em roda”, seja grosso ou delgado) [tab.01]. Por ordem decrescente, a par do estanho e do chumbo, era o ferro o metal mais utilizado. No livro de contas nem sempre toda a ferragem paga ao Ferreiro ou ao Serralheiro teve o peso de metal associado à sua confeção, pelo que tornou impossível a apreciação concreta do seu importe no custo global da obra.

CARVÃO

No período que nos ocupa o carvão, como fonte de combustível, era evidentemente indispensável no processo de fundição e soldagem; daí a compra total de 7 cargas de carvão entre 1783 e 1785, por um

valor total de 8\$250 réis. Embora o peso do carvão não tenha sido registado, o seu abastecimento regular atesta a importância de que se revestia na organaria.

TECIDOS

A diversidade e as quantias de panos referidos no *Livro das Obras*, a propósito do órgão [tab.01] surpreendem. Não tendo sido destinados a fins ornamentais (nem o veludo carmesim guarnecido com franja torcida de seda e ouro – o torçal –, comprado para suavizar o bater das teclas), muitos tecidos foram adquiridos “para se fundir os tubos do órgão”. Esta menção parece incongruente dada a pouca resistência que podem oferecer fibras vegetais ou animais face à libertação de calor de metal em fusão num processo de fundição, mesmo que o ponto de fusão da liga de estanho-chumbo, conhecida como mistura eutéctica e que se aproxima dos 183° C, fosse entre os mais baixos no conjunto dos metais mais conhecidos e usados na indústria da época (Lide, 2009). Tanto as compras de metros lineares de Saraçoça e de Olanda crua, como de estopa a peso (enquanto fibra não tecida), apontavam logo questões de foro tecnológico: para a fundição de chapas, a calafetagem de condutas de vento, a ligação entre someiro e tubos, etc.

A Saraçoça, conforme a aplicação toponímica indica, era uma mercadoria originalmente proveniente da cidade espanhola (Bluteau, 1720, VII: 496), mas era

assumidamente um “*Panno de lã preta do Reyno e bem conhecido*” no período que nos ocupa, de acordo com a definição do Dicionário de Moraes e Silva (1789, II: 669). A Olanda crua, também por referência ao seu local de produção, era “*huma laçaria fina*” originária da Holanda (Silva, 1789, II: 372).

O tratado de Bédos de Celles esclarece este recurso a tecidos de lã e de malha fina de algodão para a produção de chapas metálicas de liga ou de *étouffe*, que deviam posteriormente ganhar uma secção tubular por moldagem, com a forma e o comprimento a dar à tubagem/registos encomendados.

Com o auxílio de estampas, Bédos ensinava este procedimento (Bédos de Celles, 1770, Planches LXII e LXIV): tecidos eram bem tensados numa estrutura sólida, nivelada ou em declive. É sobre estes tecidos que era vertida a liga líquida depois da sua saída do forno, quando contida numa caixa de madeira adequadamente construída para se poder verter o metal sobre o pano, num movimento rápido e contínuo, de cima a baixo. Produziam-se assim chapas compridas, finas, uniformes e coesas de metal, prestes a serem reconformadas.

MATERIAIS DE PINTURA E OURO

O acabamento do móvel, operado forçosamente *in situ* após a montagem dos diferentes elementos da maquinaria e do seu invólucro entalhado, consistiu numa policromia marmoreada – tal como o relatou o *Estado* de Tibães para o triénio de 1783-1786 e tal como se vê ainda nos dias de hoje [fig.03]. O *Livro das Obras* não acrescenta muito mais. Dispõe-se apenas

do montante global que fora pago para um conjunto de tintas adquiridas para este efeito, e do preço de dois tipos de ouros vendidos ao “milheiro”, portanto em folhas finamente batidas e acondicionadas em dez cadernos de cem folhas cada um (os ditos “livros”). Acontece que a aquisição dos materiais de pintura e de douramento não foi exclusiva do órgão, devendo



Fig. 03· Interior do órgão: parte da mecânica de registos mostrando os molinetes em ferro e os tirantes em madeira.
© M. J. Dias Costa

estes ter também aplicações nalguns caixilhos e noutras decorações a decorrer no mosteiro na altura [tab.01]; pelo que não é possível definir com rigor o custo inerente ao estrito revestimento cromático do órgão.

Seja como for, verificamos que o preço do ouro variou, com um ouro pago a 8\$000 réis o milheiro e outro a 7\$000 réis. O primeiro devia ser de excelente qualidade, portanto com o título mais elevado e próximo dos 24 quilates, por ser um dos ouros batidos em folha dos mais caros entre todos aqueles que foram consignados nos 12 Livros das Obras do Mosteiro de Tibães entre 1635 e 1822 (Le Gac & al, 2014: 54-74). O segundo ouro, recorrente nas referidas fontes e também noutras já compiladas por outros autores (Alves, 1989, I: 213-214; Serrão, 2010: 125; Bidarra & al, 2011: 1778-1779), devia corresponder a um ouro sensivelmente de 23 quilates ou ligeiramente inferior; um ouro dito "comum" entre os afinadores do precioso metal (Le Gac & al, 2009: 423-432). Tais diferenças indiciam uma escolha consciente de ouros de cores diferentes (tendo o mais puro uma cor de um amarelo mais intenso), com certeza comprados para servir propósitos estéticos distintos.

Enfrenta-se aqui um dos limites mais recorrentes nos *Livros das Obras* de Tibães relativamente a despesas deste tipo, quando consta apenas o custo global dos materiais de pintura, sem que se tenha a sua enumeração, a relação unidade/preço e os gastos que importou cada substância em função do seu peso. Se é de lamentar a falta de uma lista detalhada para esta empreitada, não deixa o *Livro das Obras*

de fornecer outras, entre elas um rol de droguista de Braga, em 1790, para a decoração do Coro superior da Igreja (junto ao órgão) (ADB-UM, FMC, Tibães, *Livro das Obras*, 467, fls. 10v-12; Le Gac & al, 2014: 54-74). É possível que os materiais então adquiridos fossem também disponíveis em 1785, com semelhante valor no mercado, embora muito pouco ou nada era documentado sobre a sua origem (Cruz, 2013: 297-306). Entre os materiais referidos, constavam produtos em pó cujo preço corresponde aqui ao "arrátel" (unidade de peso de 459 g): 1) Cargas: o "Gesso de Alvarães" (625 rs) e o "Gesso groço" (20 rs); 2) Pigmentos: "Alvaiade grosso" (60 rs) e "Alvaiade fino" (100 rs), "Jalde" (280 rs) e "Jalde lindo" (2\$000), "Maquim" (320 rs), "Moulicote" (640 rs), "Oca" (35 rs), "Sombra" (80 rs) e "Sombra de Colonia" (70 rs), "Azarcão" (60 rs), "Vermelhão fino" (1\$200), "Verde estilado" (1\$920), "Pós pretos" (vendido a 180 rs/barril); 3) Corantes orgânicos: "Lacra" (5\$760) e "Lacra fina" (6\$400), "Sinopla" (800 rs) e "Sinopla fina" (7\$600), "Anil" (1\$200) e "Anil claro" (1\$920), "Flor de anil clara fina" (2\$400) e "Flor de anil fina" (5\$600); 4) Ouro em pó (3\$240); 5) Adesivos: "Retalho" (100 rs) e "Cola" (120 rs). Constavam também substâncias líquidas, cujo preço corresponde à "canada" (unidade de volume de 1,4 L): 6) Aglutinantes: "Oleo de linhaça" (380 rs) e "Oleo de nozes" (1\$280); e 7) Reagentes: "Agua forte" (1\$280) e "Agua ras" (90 rs). No órgão de Tibães, terá sido perfeitamente plausível o seu recurso para se conseguirem as tonalidades marmoreadas da caixa, ou lisas da bacia, e a aplicação parcial de douramento em filetes, então típicas do estilo Rococó.

ESPAÇOS GEOGRÁFICOS E TRANSPORTES

Referências a lugares específicos permitiram apreciar o fluxo de produtos e serviços, desde o ponto de origem, onde se encontravam os fornecedores, até o ponto de consumo. Ao olhar-se para os transportes, equacionou-se evidentemente a velocidade das deslocações e portanto a duração das jornadas, bem como o seu custo, consoante a carga a ser transportada e a maneira como era transportada [tab.01], para melhor entender como pessoas e veículos operavam no contexto geográfico regional, de acordo com as redes de comunicação então existentes.

Dentro dos recursos, marítimo, fluvial e terrestre, verificaram-se quatro tipos de transportes:

- 1) Aqueles feitos por navios, nomeadamente para importar metais de Inglaterra [tab.04];
- 2) Outros feitos por rios, com barcos (a vela ou a remo), tirando partido do caudal de rios da região Norte e dos seus estuários, seja para transbordar mercadoria no interior das terras, seja para ir à procura de matérias-primas adequadas às obras, como o foram os castanheiros;
- 3) Outros ainda feitos às costas ou cabeça de homens e mulheres nas deslocações a pé para lugares mais próximos, ficando Braga a principal referência de abastecimento em muitos produtos. A cidade de Braga, situada a uma distância do mosteiro cerca de 5 quilómetros, tinha a capacidade de concentrar múltiplos domínios de atividade económica e dar resposta às muitas necessidades de transformação das matérias-primas próprias do setor secundário (como eram as atividades do Ferreiro, do Serralheiro ou do Vidraceiro), ou de serviços próprios do setor terciário (como os do Desenhador de Risco, do Droguista, do Portador).
- 4) Finalmente, transportes feitos com animais, para a condução de cargas maiores. Estes transportes mais difíceis identificaram-se facilmente pelo pagamento feito a quem garantia a condução (e entrega) dos bens, recados ou pessoas – neste caso, o “moço” –, e também pelo “aluguer de besta” para puxar a carga, seja um asno, um cavalo, um boi ou parrelha deles. Salvo informação detalhada mas raríssima, não houve maneira de saber quais eram os animais empregues nestas deslocações.

Porque a importação de mercadorias implicava acordos específicos e disposições legais várias, bem mais complexos, deu-se particular atenção ao frete do navio vindo de Inglaterra, em 1781 [tab.04]. Este frete não considerou pelo menos o custo do desembarque em Portugal, por ter sido assegurado pelos Mariolas. O valor do “frete de navio”, fornecido sem mais detalhes, não esclarece por que parâmetro – peso, unidade, viagem ou dia – o armador cotou o transporte marítimo dos metais e se lhe agregou ou não outros custos, tal como uma taxa adicional cobrada sobre o valor da mercadoria. Em contrapartida, o número elevado de despesas tidas com os restantes aspetos da importação e encaminhamento do estanho e chumbo até ao mosteiro – com o desembarque em Portugal, controle de peso, “lealdamento” ou direito alfandegário, armazenamento no local, carreto até aos veículos e derradeiro transporte (que não se sabe se foi por via terrestre ou aquática) –, ajudaram a reconstituir um contexto muito peculiar de fornecimento, operado em circunstâncias ainda arriscadas e difíceis. Pelos meios de comunicação então disponíveis, recorda-se que, à época, a rede viária desde a cidade do Porto até Tibães, com estradas de terra mais ou menos carrossáveis, supunha entregas muito demoradas, e que o tráfego de embarcações fluviais nem sempre podia ser assegurado, como acontecia então no rio Cávado, por causa dos vários marachões contruídos para ter azenhas e pesqueiras.

RECURSOS HUMANOS E ESCALAS SALARIAIS

Exceto os três Mestres que tomaram por contrato parte da realização do órgão, muito pouco se sabe das suas oficinas respetivas e do número de colaboradores que tiveram. Verificou-se que o organeiro tinha “os seus oficiais”, assim referidos no contrato de 1778, e um aprendiz (o dito “moço”), com nome de Luís, por se lhe ter pago uma Caridade (ADB-UM, FMC, Tibães, *Livro de Obras*, 466, fl. 116) [tab.01].

Embora limitadíssimo na sua informação quanto às estruturas humanas envolvidas nas ditas empreitadas, o *Livro das Obras* tem a vantagem de evidenciar uma das políticas de contratação pela qual se regia também a comunidade beneditina de Tibães, em empregar diariamente dezenas de indivíduos para as obras mais diversas (do simples concerto ao projeto mais arrojado) a decorrer no seu recinto. E muitos ofícios tiveram clara representatividade, como os pedreiros, carpinteiros, entalhadores, ferreiros, serralheiros, picheleiros, caiadores, pintores, carreteiros, portadores, e até moços de recados, sem esquecer os “faz-tudo”, homens polivalentes em qualquer estaleiro. Se estes “jornaleiros” não faziam parte de unidades operativas fixas, com Mestre estabelecido em “tenda”, faziam parte pelo menos da estrutura bastante estável da entidade empregadora, no contexto monástico onde atuaram. A sua retribuição ao dia, conhecida através do pagamento das “ferias” registadas no livro de despesas,

permitiu lançar novas luzes sobre as escalas salariais a que estes trabalhadores estavam subordinados, de acordo com o seu estatuto. Pela remuneração recebida e o tipo de tarefas realizado, os dados constantes da [tab.05] evidenciam hierarquias então existentes, do Mestre ao aprendiz, ao que os contratos de obrigação para obras de organaria, entalhe ou pintura nunca deram a melhor visibilidade, por estipular geralmente apenas o custo global da mão-de-obra. As escalas salariais ajudam a ter uma melhor ideia sobre o contexto socio-económico da época, embora escapem a este estudo os ferreiros, serralheiros e picheleiros, muitas vezes pagos à peça e não ao dia de trabalho. Verificou-se que, fora os pintores (com melhores remunerações), muitas profissões tinham salários equiparados, com pagamentos abaixo de 100 réis para os ajudantes, entre 190 e 120 réis para os oficiais, sendo que eram os Mestres a marcar uma maior diferença, consoante a sua especialidade e competência. Os portadores – homens e mulheres – faziam nitidamente parte da classe mais desfavorecida, não obstante as tarefas essenciais que cumpriam. O papel que terá desempenhado uma certa Maria da Costa ao longo de décadas, à qual se juntou uma ou outra vez uma certa Rosa Costa (talvez sua parente), demonstrou, numa comunidade de monges, a importância que podiam assumir paroquianos, também do sexo feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhar em detalhe as despesas tidas com o órgão de Tibães no *Livro das Obras* do mosteiro beneditino e cruzar o seu conteúdo com outras fontes existentes, permitiram redescobrir e afinar os desafios que lançou esta monumental empreitada. O seu custo total não se cingiu apenas à soma das Empreitadas contratadas, de 1 026\$250 réis. As despesas tidas regularmente no mosteiro, que orçaram 119\$379 réis para os Trabalhos e Serviços, e 800\$545 réis para os Materiais, vieram avolumar consideravelmente a encomenda que, no mínimo, se elevou a 1 946\$174 réis.

A leitura dos movimentos registados no *Livro das Obras* entre 1780 e 1786 possibilitou duas abordagens complementares:

- 1) Permitiu ter uma visão organizacional dos monges de Tibães, não só quanto à administração dos seus recursos financeiros para o projeto então delineado do órgão, senão também quanto à logística, para prover atempadamente a informação, os equipamentos e os recursos materiais e humanos indispensáveis à boa execução da obra. Evidenciou

tarefas forçosamente faseadas e exigentes na sua articulação, conduzidas com a devida ciência para se conseguir, no prazo estipulado, a construção do instrumento e a sua montagem *in situ* (dentro do móvel expressamente concebido para ele), para garantir a sua qualidade sonora e a sua plena integração na arquitetura;

- 2) Permite também ter uma visão mais lata do contexto de produção da época, em que a acessibilidade a materiais de qualidade, o seu transporte e os

conhecimentos necessários à sua transformação eram de facto fatores decisivos para obter resultados duráveis. Muitos homens e mulheres, inseridos num sistema de produção corporativo, onde o anonimato e o trabalho coletivo eram regra, contribuíram para estes resultados. A leitura do livro de contas contribuiu para resgatar também a sua memória. O grande órgão de tubos, finalizado há 230 anos, é um exemplo notável destas sinergias, desenvolvidas entre dois universos: laico e religioso.

tab.01

ALGUMAS DAS 173 ENTRADAS REFERENTES AO ÓRGÃO DE TIBÃES (ANOS 1780-1786), CONSTANTES DO LIVRO DE OBRAS N.º 466 DO MOSTEIRO DE SÃO MARTINHO DE TIBÃES

fl.	data	Material/ Serviço/ Jornal	Quantidade	Preço unitário	Gastos	Destinatário / Uso	Local
40v	d. março 1780	Portador	1 ida a Guimarães	120 rs	120	Para o portador que foi ao organeiro	Guimarães
44	d. janeiro 1781	Castanheiro	1 castanheiro	5 500 rs	5 500	Para o órgão	S. Romão do Neiva
44	d. janeiro 1781	Castanheiro	1 castanheiro	5 500 rs	5 000	Para o órgão	Lamas
44	d. janeiro 1781	Gastos	1 serviço [2 viagens]	290 rs	290	Procurar os ditos 2 castanheiros para o órgão	S. Romão, Lamas
44	d. janeiro 1781	Castanheiro	1 castanheiro	7 200 rs	7 200	A Teodora da Paiva, comprado para o órgão	Ferreiros do Geraz
44	d. janeiro 1781	Arrancar um castanheiro	1 serviço	160 rs	160	Por arrancar o dito castanheiro	Ferreiros do Geraz
44	d. janeiro 1781	Castanheiro	1 castanheiro	2 400 rs	2 400	Para o órgão	Martim, Braga
44	d. janeiro 1781	Procurar paus	2 dias + gastos do barco		240	Ao carpinteiro de Rendufe por procurar paus	Rendufe
44	d. janeiro 1781	Jornais de carpinteiros	Vários dias	[vários salários]	= 39 370	[Ver tab.05]	
44v	d. janeiro 1781	Aluguer besta	1 besta por 3 dias	200 rs/dia	600	Dei a D. Francisco Solha organeiro	
	d. janeiro 1781	Moço da besta	3 dias	100 rs/dia	300	Ao moço	
45	d. janeiro 1781	Chumbo vindo de Londres	278 barras com 184 arrobas		178 355	Para o órgão e canos de água	[Ver tab.04]

tab.01 (cont.)

fl.	data	Material/ Serviço/ Jornal	Quantidade	Preço unitário	Gastos	Destinatário / Uso	Local
45	d. janeiro 1781	Estanho vindo de Londres	32 arrobas	4 495 rs/arroba	143 842	Para o órgão e canos de água	[Ver tab.04]
74v	a. 2 maio 1783	Couceiras	4 couceiras	675 rs/couceira	2 700	Para a fatura do órgão	
	a. 2 maio 1783	Carreto das couceiras	1 carreto	1 200 rs	1 200	Para o transporte das couceiras	Até à Barca
77	d. 2 maio 1783	Serviço de moços		120 rs	120	Aos moços que foram buscar as couceiras	à Barca
77	d. 2 maio 1783	Portador	1 serviço	360 rs	360	Para chamar o Organeiro a Barroselas	Couto de Capareiros
78	d. 2 maio 1783	Tábuas de castanho	20 tábuas	± 850 rs/tábua	17 000	Ao abade de S. Romão da Ucha para o órgão	S. Romão da Ucha
78	d. 2 maio 1783	Carvão	1 carga	1 200 rs/carga	1 200	Para derreter o chumbo para o órgão	
79	d. 23 agosto 1783	Carvão	1 carga	950 rs/carga	950	Para derreter o estanho para o órgão	
79v	d. 23 agosto 1783	Castanheiro	1 castanheiro	3600rs	3 600	Compra para o órgão	em Carvalheira
79v	d. 23 agosto 1783	Jornais de carpinteiro	10 dias	160 rs/dia	1 600	A quem ajudou a serrar o dito castanheiro	
79v	d. 23 agosto 1783	Jornais	11,5 dias	170 rs/dia	1 955	A Manoel Martins, ajudou a serrar castanheiro	
80	d. 7 setemb. 1783	Gastos	1 viagem		800	Para Fr. Joze de St.º António Vilaça para fazer os Riscos e modelos para a caixa do órgão	de Pombeiro a Tibães
81	d. 18 outub. 1783	Arame	2 Liaças		1 000	Para o órgão	
81	d. 18 outub. 1783	Tábuas de pechia	?		360	Para as teclas do órgão	
82v	Novembro 1783	Estanho	860 arráteis	160 rs/arrátel	137 600	Para o órgão	
83	d. 15 novem. 1783	Chumbo	6 quintais	4 700 rs/quintal	28 200	Para o órgão	
83	d. 15 novem. 1783	Carretos	2 carretos	600 rs + 480 rs	1 080	Carreto de estanho, canudos e mais coisas que vieram por ordem de D. Francisco Solha	de Guimarães para Tibães
83v	d. 29 novem. 1783	Carreto	1 carreto de 6 quintais de chumbo	170 rs/quintal	1 020	Para o chumbo do órgão	que veio do Porto
83v	d. 29 novem. 1783	Saragoça	3,5 côvados	740 rs/côvado	2 590	Para se fundir os canos do órgão	
83v	d. 29 novem. 1783	Olanda crua	4,5 côvados	140 rs/côvado	560	Para se fundir os canos do órgão	

tab.01 (cont.)

fl.	data	Material/ Serviço/ Jornal	Quantidade	Preço unitário	Gastos	Destinatário / Uso	Local
83v	d. 29 novem. 1783	Tabuado de castanho	36 tábuas	± 320 rs/ tábua	11 520	Ao António da Cunha da Graça, para o órgão	Padim da Graça, Braga
85v	a. 2 maio 1783	Couceiras	3 couceiras	± 1 460 rs/cada	4 400	Para o órgão, que se compraram	em Adais, Vila Verde
87v	a. 2 maio 1783	Carvão	1 carga	1 200 rs/ carga	1 200	Para soldar o estanho do órgão	
88	d. 2 maio 1783	Peles	17 dúzias	1 700 rs/ dúzia	28 900	Para o órgão novo	
88	d. 2 maio 1783	Peles maiores	10 dúzias	2 400 rs/ dúzia	24 000	Para o órgão novo	
88v	d. 26 abril 1784	Carreto das peles	1 carreto		1 530	Para a condução das peles	vieram do Porto
90v	d. 26 abril 1784	Cardos ou linhagem	Vários, em que vieram as peles		660	Embalagem das peles para o órgão	vieram do Porto
91v	d. 3 julho 1784	Portador	1 serviço		240	A Manuel dos Reis por ir levar os modelos da bacia do órgão a Santo Tirso	de Tibães para St.º Tirso
92	d. 17 julho 1784	Ferragens	7 chumbadouros com 51 arrátéis	60 rs/ arrátel	3 060	Para a caixa do órgão	
92	d. 17 julho 1784	Ferragens	1 ferro redondo		1 060	Para a caixa do órgão	
92	d. 17 julho 1784	Estopa	3 arrátéis	50 rs/ arrátel	150	Para o órgão	
94v	d. 11 setem. 1784	Carreto da bacia do órgão	4 carros	1 000 rs/ carro	4 000	Para a condução da bacia que veio de S. Bento	de St.º Tirso para Tibães
94v	d. 11 setem. 1784	Jornais de pedreiro	2 dias	160 rs/dia	330	Ao pedreiro Franco Barbosa que andou a abrir chumbadouros na caixa do órgão	
95	d. 11 setem. 1784	Empreitada	Bacia do órgão		72 000	Mestre enxambrador Luis Joze de Sousa Neves	de Santo Tirso
96v	a. 11 dezem. 1784	Carreto da varanda	1 carreto		1 000	Ao Pedro Dias que trouxe a varanda do órgão	de St.º Tirso para Tibães
97	Féria de Natal	Pregos	Pregos para pregar os ferros		440	Prego para segurarem a caixa do órgão	
97v	Até Natal 1784	Empreitada do entalhador	Grades da varanda do órgão		36 000	Ao Mestre Entalhador Luis de Sousa Neves	de Santo Tirso
98v	d. 12 fever. 1785	Arame grosso	19 arrátéis e 1/4	180 rs/ arrátel	3 510	Para o órgão	
98v	d. 12 fever. 1785	Pintura e douramento de mãos	Jornais por vários preços		46 100	Para a Caixa do órgão, Bacia e Varanda	
99	d. 12 fever. 1785	Empreitada do entalhador	Caixa do órgão novo		162 500	Ao Mestre entalhador João Bernardo da Silva pela caixa	Assistente em Braga

tab.01 (cont.)

fl.	data	Material/ Serviço/ Jornal	Quantidade	Preço unitário	Gastos	Destinatário / Uso	Local
99	d. 12 fever. 1785	Entalhador	1 acréscimo para a Caixa do órgão		6 550	Ao Mestre entalhador João Bernardo da Silva pelas emendas dos castelos dos lados	Assistente em Braga
99	d. 12 fever. 1785	Veludo carmesim de Itália	1 terça [de vara]	± 2 550 rs/vara	850	Para as teclas do órgão	
99	d. 12 fever. 1785	Torçal de ouro	2 oitavas	± 240 rs/oitava	480	Para guarnecer o veludo das teclas do órgão	
99v	d. 12 fever. 1785	Estopa	2,5 varas	130 rs/vara	325	Para lavar o estanho do órgão	
99v	d. 12 fever. 1785	Estopa sedeira em favo	2 arráteis = 2 libras	120 rs/arrátel	320	Para o someiro do órgão	Braga
99v	d. 12 fever. 1785	Portador	1 caminho	30 rs/caminho	30	Para ir a Braga buscar a dita estopa	Braga
99v	d. 12 fever. 1785	Arame delgado	1 arrátel	400 rs/arrátel	400	130 rs/arrátel	Braga
101	d. 8 Abril 1785	Jornais de serralheiro	1 dia	120 rs/dia	120	Para compor os arames do órgão	
101	d. 8 Abril 1785	Cola	4 arráteis	130 rs/arrátel	520	Para o órgão	
102	d. 23 abril 1785	Ouro[em folha]	3 milheiros	8 000 rs/milheiro	24 000	Para a caixa, bacia e varanda do órgão e para alguns caixilhos	
		Ouro[em folha]	7 milheiros e 6,5 livros	7 000 rs/milheiro	53 500		
102	d. 23 abril 1785	Linho assedado	3 libras	150 rs/livra	450	Para os condutos do vento do órgão	
102	d. 23 abril 1785	Arame grosso	2 rodas, com 9 arráteis e 1 quarta	180 rs/arrátel	1 635	Para as trompetas do órgão	
102 v	d. 23 abril 1785	Estanho em verguinha	5 arrobas	160 rs/arrátel	25 600	Para o órgão novo	
102 v	d. 23 abril 1785	Receitas de Tintas, retalho e pinceis, e mais coisas	Varias		57 888	Para a pintura caixa, bacia e varanda do órgão, e livraria, quadros e mais coisas	de Braga?
103	d. 23 abril 1785	Sarilhos de ferro	54,5 arráteis	60 rs/arrátel	3 815	Para o órgão, para o feitiço pago ao serralheiro	Serralheiro de Braga
103	d. 23 abril 1785	Andilhas	11 andilhas c/ 39 arráteis, 3 quartas	80 rs/arrátel	3 180	Para o órgão, para o feitiço pago ao serralheiro	Serralheiro de Braga
103	d. 23 abril 1785	Azilhas	60 azilhas	5 rs/azilha	300	Para o feitiço pago ao serralheiro	Serralheiro de Braga
103	d. 23 abril 1785	Fechadura	1 fechadura e chave e fecho com seus parafusos		1 200	Ao serralheiro para a grade do órgão	Serralheiro de Braga
103	d. 23 abril 1785	Tranquinhas	2 tranquinhas com seus cachimbos, só de feitiço		1 200	Ao serralheiro para a grade do órgão. Dei o ferro	Serralheiro de Braga

tab.01 (cont.)

fl.	data	Material/ Serviço/ Jornal	Quantidade	Preço unitário	Gastos	Destinatário / Uso	Local
103	d. 23 abril 1785	Sarilhos grandes de ferro	4 sarilhos grandes de ferro, só de feito, pesaram 69 arráteis e 3/4	30 rs/arrátel de feito	2 905	Para o órgão e deu o mosteiro o ferro ao serralheiro	Serralheiro de Braga
103 v	d. 23 abril 1785	Cadeias	5 cadeias	180 rs cada	900	Ao serralheiro para os foles do órgão	Serralheiro de Braga
103 v	d. 23 abril 1785	Ferros	2 ferros pesam 11,5 arráteis	90 rs/arrátel	1 035	Ao serralheiro para ferros dos varais dos foles	Serralheiro de Braga
103 v	d. 23 abril 1785	Galdras	8 galdras	60 rs/galdra	480	Ao serralheiro, para o órgão	Serralheiro de Braga
103 v	d. 23 abril 1785	Arilhas	200 arilhas		720	Ao serralheiro, para o órgão	Serralheiro de Braga
103 v	d. 23 abril 1785	Chapas largas	2 chapas largas		400	Ao serralheiro, para o mesmo órgão	Serralheiro de Braga
103 v	d. 23 abril 1785	Dobradiças	2 dobradiças		200	Ao serralheiro, para o órgão	Serralheiro de Braga
103 v	d. 23 abril 1785	Jornal de pintor	3 dias	200 rs/dia	600	Ao pintor Feliz António por dourar as bocas das trombetas do órgão	
104 v	d. 23 abril 1785	Puxadores de pau preto	50 puxadores	50 rs/cada	2 500	Para os registos do órgão	
108	d. 18 junho 1785	Parafusos	18 parafusos	50 rs/parafuso	900	Ao serralheiro, para o mesmo [para o órgão]	
108	d. 18 junho 1785	Ferro em vergalhas	42,5 arráteis	35 rs/arrátel	1 495	Para os registos do órgão	
112	d. 6 dezem. 1785	Estanho	2 arrobas	5 120 rs/arroba	10 240	Ao mestre organeiro D. Francisco que o trouxe feito em canos para o órgão	Guimarães
112	d. 6 dezem. 1785	Chumbo	8,5 arrobas de chumbo	1 250 rs/arroba	10 625	Ao Mestre organeiro D. Francisco que o trouxe feito em canos para o órgão	Guimarães
112	d. 6 dezem. 1785	Latão	7 arráteis	240 rs/arrátel	1 680	Ao Mestre organeiro D. Francisco para o órgão	Guimarães
112 v	d. 6 dezem. 1785	Empreitada do organeiro	Órgão		426 280	Mestre organeiro D. Francisco Antonio Solha, a conta do ajuste do órgão novo	Guimarães
115 v	d. 25 janeiro 1786	Empreitada do organeiro	Órgão		273 720	Mestre organeiro D. Francisco Antonio Solha, pa completar a quantia de ajuste de 700 000 rs	Guimarães
115 v	d. 25 janeiro 1786	Caridade	Fim do contrato		48 000	Mestre organeiro D. Francisco Antonio Solha	Guimarães
116	d. 25 janeiro 1786	Caridade	Fim do contrato		1 200	a Luis, moço do organeiro	Guimarães

tab.01 (cont.)

fl.	data	Material/ Serviço/ Jornal	Quantidade	Preço unitário	Gastos	Destinatário / Uso	Local
116 v	d. 25 janeiro 1786	Portador	1 caminho		180	a Manuel dos Reis	para St.º Tirso
116 v	d. 25 janeiro 1786	Vidros finos	277 vidros para as vidraças	Vários preços de 90 a 210 rs/vidro	29 700	Para vários locais, entre eles a casa dos foles do órgão	
117	d. 25 janeiro 1786	Jornais de vidraceiros	14,4 dias a 180 rs /homem	180 rs/dia	2 610	Ao vidraceiro da Graça e ao seu filho por colocar vidros em vários locais	Padim da Graça

tab.02

ESTIMATIVA E PROPOSTA DE DIVISÃO DOS CUSTOS REGISTRADOS PARA A OBRA DO ÓRGÃO DE TIBÃES

Descrição	Custos (em réis)	Percentagens no custo total da obra	Notas
1. Empreitadas	1 026\$250	53%	
1.1 - Máquina	749\$200	38,5 %	Adjudicação ao organeiro Solha
1.2 - Caixa	169\$050	8,7 %	Adjudicação ao entalhador João Bernardo da Silva
1.3 - Bacia e varanda	108\$000	5,6 %	Adjudicação ao entalhador Luis de Sousa Neves
2. Trabalhos e Serviços	119\$379	6%	
2.1 - Serralheiro	42\$220	2,2 %	
2.2 - Carpinteiro	31\$015	1,6 %	
2.3 - Caiador	17\$904		Estimado, olhando para a obra e sabendo o preço/dia
2.4 - Carretos e portadores	12\$200		
2.5 - Viagens	4\$500		Ir buscar e levar o Fr. José Vilaça e o organeiro
2.6 - Pedreiro	3\$990		
2.7 - Pintar e dourar	5\$935		
2.8 - Recados e outros	1\$435		
2.9 - Vidraceiro	180		Estimado, olhando para a obra e sabendo o preço/dia
3. Materiais	800\$545	41%	
3.1 - Metais	539\$102	27,7 %	Sendo: 200\$410 para o estanho; 184\$045 para o chumbo; 77\$500 para o ouro; 76\$147 para o ferro; 1\$000 para latão. O chumbo e o estanho para os canos de água foram descontados da encomenda de Londres.
3.2 - Peles	99\$900	5,1 %	Peles médias e maiores.
3.3 - Madeiras	72\$460	3,7 %	Árvores, tábuas e couceiras de castanho, e tábuas de pechia
3.4 - Receitas de tintas,	63\$488	3,0 %	Tintas, retalho, pincéis, charão, etc.
3.5 - Fibras e têxteis	15\$035	0,8 %	Saragoça, olanda, veludo, estopa, linhos, sacas, lençóis...
3.6 - Carvão	8\$250		
3.7 - Cola	700		
3.8 - Vidros	1\$600		Valor estimado sabendo o preço/vidro
Custo Total	1 946\$174	100%	

tab.03

CRONOLOGIA DAS DIFERENTES FASES DE PLANEAMENTO E EXECUÇÃO DO ÓRGÃO

Ao lermos nos arquivos sobre a construção do grande órgão do mosteiro de São Martinho de Tibães e o esforço monetário, humano e de vontade empregue nesta empreitada, desfila por nós uma história de gentes e ofícios. São os monges que vão ver os órgãos dos outros mosteiros feitos pelo mesmo organeiro, é a reunião em capítulo donde emana a decisão de fazer um grande órgão. Começa assim um rodopio de ações que demorará 6 anos e terá por certo culminado com uma missa solene onde o novo órgão fez brilhar o canto dos monges...

Este órgão ainda hoje marca presença na igreja do Mosteiro de Tibães, não se ouve... Parece em bom estado e passível de uma recuperação histórica. Com esta investigação esperamos contribuir para a sua recuperação.

Ano	acontecimentos
1780	Surge a decisão de fazer um órgão novo e de entregar a obra ao organeiro Dom Francisco António Solha com oficina em Guimarães. É feito, por certo, um contrato e caução com o organeiro e este indica os materiais que era necessário começar a encomendar. O mosteiro fornecerá as madeiras, as ferragens, o estanho, o chumbo, as peles, colas, e todos os trabalhos referentes a carpinteiros, picheiros, pedreiros, ferreiros, caiadores e vidraceiros.
1781	Começa a compra de madeira para a construção da máquina do órgão. Segundo as orientações do organeiro irá ser de castanho. Anda um carpinteiro, pessoa entendida em madeiras, à procura dos castanheiros pelas terras próximas ao mosteiro de Tibães. Alguns castanheiros são comprados em pau, outros em árvore, todos seguem para o mosteiro onde são serrados e postos a secar. Chega ao Porto a encomenda de Chumbo e Estanho feita a Inglaterra . Destes materiais serão utilizados o chumbo para os canos de água, uma liga de chumbo e estanho para os canos do órgão, e estanho nas soldaduras. Esta compra é um grande investimento para o mosteiro. O chumbo é levado em carros para Tibães uma vez que as obras dos canos da água estão a avançar. Crê-se que parte do estanho ficou armazenada no Porto.
1783	São compradas algumas peças de madeira já aparelhadas, as couceiras e as tábuas. E mais castanheiros para serrar. A máquina de D. António de Solha terá uma caixa desenhada por Fr. José Vilaça que vem a Tibães para fazer os seus riscos e modelos. Dá também as indicações necessárias sobre a obra a realizar para acolher a máquina do órgão. É assinado, a 2 de Setembro, o contrato com o entalhador João Bernardo da Silva de Braga, para a caixa do órgão segundo o desenho de Fr. José Vilaça. É recomendado ao entalhador que tudo seja feito a contento e com a segurança que lhe determinar o mestre organeiro Dom Francisco Antonio Solha. Terá até à Páscoa do ano seguinte para colocar a caixa no local. Terá um ano para fazer uma caixa igual para o órgão mudo. As madeiras necessárias são encargo dele. Para instalar o órgão é necessário intervir na Capela de S. Amaro da nave da Igreja . É rebaixado o seu teto dando origem a um novo espaço para a caixa de ecos e para os foles. É construído um novo arco para a capela. O altar terá de ser renovado e é desenhado por Fr. José Vilaça que manterá a imagem de S. Amaro de Fr. Cipriano da Cruz.
1784	Começa a ser fundido chumbo e estanho para o órgão pela equipa do picheiro . Para a elaboração das lâminas são comprados vários tecidos: estopa, olanda e saragoça. A estrutura aonde irá assentar a máquina e a caixa estão prontas. Chegam as peles para os foles . A execução da bacia do órgão e das grades da varanda é dada em empreitada ao entalhador Luis José de Sousa Neves com oficina em Santo Tirso. Antes do Natal, já estão no sítio. O Ferreiro de Braga vai realizando toda a ferragem, quer para segurar a caixa quer para a máquina . Continua a fundição dos canos. O mosteiro está durante todo este ano em grandes obras de melhoramentos, refazendo soalhos e paredes, intervindo na Sala do Capítulo e na residência do Abade Geral.
1785	A pintura e douramento da caixa, bacia e varanda do órgão estão a ser realizados. Depois de se pagar a João Bernardo da Silva pelo trabalho da caixa, acresce-se-lhe as torres laterais. O órgão mudo não foi executado. O teclado tem especial atenção. Depois da compra de madeira exótica de pecchia em 1783, é comprado veludo carmesim vindo de Itália, que é rematado com um torçal de ouro, proporcionando um suave e requintado bater das teclas.

tab.03 (cont.)

Ano	acontecimentos
	<p>O esforço de obra é quase todo direcionado para acabar o órgão. O estanho e o chumbo continuam a ser transformados em tubos, o ferreiro faz todo o tipo de ferragens, as bocas das cornetas são douradas. As condutas do ar estão no sítio e é comprado linho para a sua vedação. São postas as fechaduras. Mulheres caminheiras vão e vêm a Braga levando recados e trazendo encomendas.</p> <p>Fr. José Vilaça vem de Pombeiro por duas vezes, por certo orientar as pinturas e douramentos da caixa. Em junho os telhados na zona do órgão são revistos de modo a assegurar a perenidade do grande órgão. O mestre organeiro apresenta a conta do chumbo e estanho que gastou ao fazer os tubos que trouxe da sua oficina e do latão que comprou.</p>
1780	<p>O vidraceiro coloca os vidros nas vidraças da casa dos foles, mais uns retoques de cal e está pronto. O órgão funciona! É paga ao organeiro a última parcela do contrato. Tudo correu bem, como se comprova pela caridade, gorjeta dada ao organeiro e ao moço seu ajudante.</p>

tab.04

IMPORTAÇÃO DE ESTANHO E CHUMBO DE INGLATERRA, EM 1781, COM OS PARÂMETROS INERENTES À SUA ENTREGA (ADB-UM, LIVRO DAS OBRA, 466, FL. 45).

Ano de 1781 - Importação de Estanho e Chumbo de Londres			
Gastos com:	Parâmetros considerados	Quantidades	Custo (réis)
Estanho	4 495 rs/arroba ou 140,5/arrátel	32 arrobas	143 840 rs
Chumbo	969 rs/arroba	184 arrobas	178 296 rs
Para repartir	+ 59 rs		59 rs
Feitor da Alfandega	2 bilhetes		40 rs
Salários Guardas	Pelo chumbo		160 rs
Salários Guardas	Pelo Estanho		100 rs
Porteiro	Por 5 rs/barra de chumbo Por 80 rs/barril estanho		1 540 rs
Pesador	Por 4 rs/quintal de de chumbo Por 50 rs/barris de Estanho		226 rs
Mariolas	Por 40 rs/peso	8 pesos	320 rs
Contratação	Por 10 rs/quintal de chumbo	[44 quintais]	440 rs
Lealdamento Descarga Mesa Grande	Taxa alfandegária		280 rs
Carreto ao armazém	Transporte		190 rs
Galegos + Guia	Portadores até os carros Condução dos materiais		170 rs
Frete do Navio	Transporte		7 442 rs
Carreteiro Domingos Ferreira	Por 180 rs/quintal de chumbo	7 quintas (em 46 barras)	1 260 rs
Carreteiro Manuel Alz. Ferreira	Por 180 rs/quintal de chumbo	5 quintais (em 35 barras)	900 rs
Companheiro de Manuel Alz. Ferreira	Por 180 rs/quintal de chumbo	14 quintais (em 87 barris)	2 520 rs
Carreteiro Joaquim da Costa	Por 160 rs/quintal de chumbo	15 quintais	2 700 rs
Companheiro de Joaquim da Costa	Por 180 rs/quintal de chumbo	10 quintais	1 600 rs
TOTAL	O que tudo soma		322 195 rs

tab.05

**PAGAMENTO DOS JORNALEIROS DE ACORDO COM OS OFÍCIOS
QUE EXERCIAM ENTRE 1783 E 1786
(ADB-UM, FMC, TIBÃES, LIVRO DAS OBRAS, 466)**

Fólio	Data	Nome	Tarefa	Salario/ dia
CARPINTEIROS				
fl. 84v	1783 fl.	Oficial Carpinteiro	Féria dos Carpinteiros de 23 de Dezembro	180 rs
110v	1785 fl.	Bento Carreira [carpinteiro reparador]	Dez dias até 6 de Março	160 rs
86v	1784 fl.	Gonçalo da Costa	Jornais de Carpinteiro	160 rs
95v	1784 fl.	Manoel Bardoza	Jornais de Carpinteiro	150 rs
95v	1784 fl.	Francisco (filho de Gonçalo da Costa)	<i>Idem</i>	150 rs
95v	1784 fl.	Antonio José	<i>Idem</i>	150 rs
95v	1784 fl.	Felicio	Serrar	140 rs
95v	1784 fl.	Felicio [Antonio]	Jornais de Carpinteiro	140 rs
95v	1784 fl.	Vicente [sa Sylva]	<i>Idem</i>	140 rs
86v	1784 fl.	Joze de Pedrozo	Jornais de Carpinteiro	140 rs
84	1783 fl.	Official Carpinteiro	Féria dos Carpinteiros	130 rs
84	1783 fl.	Official Carpinteiro	<i>Idem</i>	130 rs
86v	1784 fl.	Domingos Lopez	Féria dos Carpinteiros	120 rs
95v	1784 fl.	Manoel dos Reis [faz-tudo]	Dez dias até 6 de Março	120 rs
84	1783 fl.	Mestre João Martins	Jornais de Carpinteiro	120 rs
86v	1784	Manoel Antonio (ajudante de Joze de Pedrozo)	Féria dos Carpinteiro de 23 de Dezembro	80 rs
PINTORES				
fl. 114v	1786	Mestre Pintor Antonio Joze	Pintura do Retábulo do Capítulo Geral e mais coisas do mesmo capítulo; e de aparelhar o altar de St.º Amaro a jornal	400 rs
fl. 114v	1786	Oficial Pintor João Teixeira	<i>Idem</i>	300 rs
fl. 114v	1786	Oficial Pintor Custodio Teixeira	<i>Idem</i>	300 rs
fl. 114v	1786	Oficial Pintor Joze da Costa	<i>Idem</i>	240 rs
fl. 103v	1785	Felis Antonio	Dourar as bocas das trompetas do órgão	200 rs
fl. 108v	1785	Mestre Pintor	Pintura do Capítulo Geral	200 rs
fl. 108v	1785	Oficial Pintor	<i>Idem</i>	190 rs
fl. 114v	1786	Oficial Pintor Francisco da Costa	Pintura do Retábulo do Capítulo Geral e mais coisas do mesmo cap.º; e de aparelhar o altar de St.º Amaro a jornal	160 rs
fl. 108v	1785	Oficial Pintor	Pintura do Capítulo Geral	160 rs
fl. 114v	1786	Oficial Pintor Rodrigo	Pintura do Retábulo do Capítulo Geral e mais coisas do mesmo capítulo; e de aparelhar o altar de St.º Amaro a jornal	150 rs
fl. 108v	1785	Oficial/Ajudante Pintor	Pintura do Capítulo Geral	120 rs
fl. 84	1783	Manoel dos Reis [faz-tudo]	Moer e Pintar	120 rs

tab.05 (cont.)

Fólio	Data	Nome	Tarefa	Salário/ dia
PEDREIROS				
fl. 85v	1784	Mestre Pedreiro Henrique	Meter o arco para o órgão	480 rs
fl. 107	1785	Domingos Solha	Consertar as pesqueiras	190 rs
fl. 110v	1785	Francisco Bardosa	Respaldar no solho de Capítulo e abrir buracos no arco da Capela de Santo Amaro	180 rs
fl. 110v	1785	Manoel Fernandes	Respaldar no solho de Capítulo e abrir buracos no arco da Capela de Santo Amaro	180 rs
fl. 84	1783	Pedreiro	Féria de Pedreiro de 6, 13 e 23 de Dezembro	160 rs
fl. 94v	1784	Manoel Gonçalves [da] Graça	Abrir chumbadouros do órgão	160 rs
fl. 107v	1784	Manoel Mota	Desfazer pedestais do altar de St.º Amaro	160 rs
fl. 107v	1785	Manoel dos Reis	Consertar as pesqueiras	120 rs
fl. 107	1785	Domingos Pereira	<i>Idem</i>	120 rs
fl. 107	1785	João Pereira	<i>Idem</i>	120 rs
fl. 84	1783	Ajudante do [Pedreiro]	Féria de Pedreiro de 6, 13 e 23 de Dezembro	90 rs
fl. 94v	1784	Franco Barboza	Abrir chumbadouros na caixa do órgão	80 rs
fl. 107v	1785	Ajudante de Manoel Mota	Desfazer pedestais do altar de St.º Amaro	60 rs
PICHELEIROS				
fl. 81	1783	Mestre Picheleiro	Fundir e fazer os canos da água do Claustro e pelo jardim até à portaria e o passadiço dos coristas	530 rs
fl. 81	1783	Oficial Picheleiro		400 rs
SERRALHEIROS				
fl. 101	1785	Oficial de Serralheiro	Compor os arames do órgão	120 rs
CAIADORES				
fl. 109	1785	Mestre Caiador (?)	Caiaram a casa do Capítulo Geral pela fronteira, fizeram os telhados do mesmo, dobraram os telhados da Igreja por cima do órgão; e o da Capela por cima dos foles do mesmo órgão, (...)	180 rs
fl. 109	1785	Oficial Caiador		160 rs
fl. 109	1785	Oficial Caiador		120 rs
fl. 109	1785	Oficial/Ajudante Caiador		100 rs
fl. 116v	1786	Manoel dos Reis [faz-tudo]	Meio-dia pago de trabalho com os caiadores	60 rs
VIDRACEIROS				
fl. 117	1786	Vidraceiro (dito "da Graça")	Jornais dos Vidraceiros	180 rs
fl. 117	1786	Filho do sobredito	<i>Idem</i>	180 rs

tab.05 (cont.)

Fólio	Data	Nome	Tarefa	Salário/ dia
PORTADORES				
fl. 91v	1784	Manoel dos Reis [faz-tudo]	Levar os modelos da bacia do órgão a Santo Tirso	240 rs/ caminho
fl. 93	1784	Portador galego	Levou peles a São Bento	40 rs/ caminho
fl. 83	1783	Mulher	Buscar tinta a Braga	30 rs/ caminho
fl. 78	1783	Homem	Trouxe as ditas mantas	30 rs/ caminho
MOÇO DE RECADOS				
fl. 77	1783	Homem	Foi a Guimarães chamar o organeiro a Monte de Caparairos [Couto de Capareiros]	30rs/ caminho

anexo.01

TRANSCRIÇÃO

CONTRATO E OBRIGAÇÃO DE DOM FRANC.º SOLHA MESTRE ORGANEYRO, 1778¹

[fl. 128v] Contrato e obrigação de Dom Franc.º Solha mestre organeyro, aos Religiozos do Real Mosteyro da Costa

Em nome de Deus Amen. Saibam quantos Este Instrumento virem que no anno do Nassimento de Nosso Senhor Jezus christo de mil Sete Centos Setenta e oyto anos, aos trinta e hum dias do mes de Mayo do dito anno neste Real Mosteyro de Santa Marinha da Costa aonde eu Tabeliam vim, Estando Ahy presentes o Muinto Reverendo Padre Frey Jose da Natividade /

[fl. 129r] da Natividade Dom Abbade deste mesmo Real Mosteyro e mais Religiozos de Seu Governo adiante assinados e jontamente estava presente Dom Francisco Solha morador na Villa de Guimarais, Reconhecidos de mim Tabeliam de que dou fé. E logo por elle Reverendo Dom Abbade e mais Padres de Seu governo Foi dito se achavão justos e Contratados com o dito Dom Franc.º Solha deste lhe fazer hum órgão para a Igreja deste Mostr.º na forma dos apontamentos nesta declarados, sem falta alguã por preço e quantia de tres mil e quinhentos cruzados e vinte mil reis para ajuda da ferraje, paga a dita quantia em tres parsellas como a elle lhes paresser, a Saber: huma no principio da dita obra, outra no meyo, outra no fim da mesma sem falta nem demenuição alguma: e lhe darão elles Relegiozos ou a quem Seu Cargo servir, toda a madeyra preçiza e nessesaria, Serrada Conforme a medida e vitolla que elle dito Dom Françisco lhe pedir e dar; Se entende a que lhe for nessesaria para a fabrica do órgão; e elle Dom Franc.º tomara toda a armação dos canudos de estanho do órgão velho em desconto, por aquelle preço que for justo; e tudo o mais que for pertenças do dito órgão, sera por Conta delle organeyro: e elles Padre Dom Abbade e mais Religiozos ou quem Seu Cargo servir no tempo do assento do mençionado orgam serão obrigados a darlhe de Comer e beber tanto a elle Dom Françisco como a Seus Officiaes Conforme a qualidade de Suas pessoas, cujos

1. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (AMAP), Guimarães, *Livro de Notas*, 191, B-14-215, fols. 128v-130.

anexo.01 (cont.)

apontamentos se seguem: Apontamentos para o orgão do Real Mosteyro de Santa Marinha da Costa: Mão esquerda e dereyta: registos vozes: Flautado de doze; Flautado de doze, oytava Real, Unizones, Tapadilho, Duzena, quinzena, dezanovena, vinteduzena, Cimbola, Rezimbola, Nazardos, Flautado de doze, Flauta trabeça, Flauta Napollitana, oytava Real, Duzena, Quinzena, dezanovena, vinte duzena, Simbola, Rezimbola, voz humana armonica, Corneta Real, Bolizo, Trombeta Real, Bayxanzilho, Dulsayna, Trombeta Real, vos humana Beliça, Obué, Clarim, Segundo Teclado dentro nos ecos, Violão, oytava Real, quinzena, Dozena, DezeSetena, vinte e duzena, Flautado/

[fl. 129v]

Flautado de doze, a oytava Real, Pifano nazarte (?), quinzena e dezanovena: 2 Vinte duzena tres, Corneta Ingleza sinco, Belicoos, Dolzaina [Dulçaina], Clarim, Registo para fazer os claros: Fora dos ecos para dar Corpo, Rabecão, violam, Flautim: levará tambores em Do La sol Ré, com o Lamere; Levava quatro folles de des palmos de Comprido e sinco de largo: E bem a Levar o Orgão na forma deste apontamento duas mil duzentos e Dezaseis vozes fora os tambores que com estas faz duas mil duzentos e vinte; sera de oytava Larga na mão esquerda e na direyta chegara a Lamiré: Frey Jose da Natividade Dom Abbade: Dom Françisco Solha. E não se Continua mais; e os ditos apontamentos que cupiey na verdade e que torney a entregar a elle Reverendo Dom Abbade; e desta forma asim se achavão justos com elle dito Dom Françisco = E declararão elles Padre Dom Abbade e mais Religiozos que a madeyra sera tam somente a que elles tiverem e se faltar alguma a pora elle organeyro, a Sua custa, e o pagamento sera das terças do Natal, Pascua e Sam João the se Completar o dito pagamento dos tres mil e quinhentos Cruzados, e o estanho do orgão velho o tomara por preço de cada arratel de setenta reis que sera descontado no capital da dita obra; o que elle Dom Françisco disse assim asseytou este contrato, que prometeu comprir tudo com toda a prefeyção que se Requer, e por promta sob obrigação de Sua pessoa e bens moveis e de rais havidos e por haver e terços de Sua Alma, em que fazia especial Consignação; E no Caso que elle organeyro não complete a obra por algum incidente que seja, se abaludara tudo o que estiver feyto no dito orgão, e o mais que faltar sair do mesmo preço por que foi justo; com declaração que se lhe ão de dar sem mil reis cada terça pellos ditos tempos e desta forma assim o declararão e outrogarão e prometerão huns e outros fazer este Instrumento bem por suas pessoas e bens e rendas de Seu Mosteyro, e assim o disserão e outrogarão e asseytarão de parte a parte que eu Tabeliam tudo estipoley e asseytei em nome de quem mais asesytção tocar aubzente sendo testemunhas presentes João Alves Gales /

[fl. 130] Pintor e Antonio Alves digo Antonio Ferreyra familiar deste Mosteyro que todos aqui assinarão ao depois de lida por mim Jose Antonio Hippollyto da Rocha Tabeliam que escrevi

Assinam

Sr. Jozê da Natividade D. Abb.º
Fr. Antonio de S. Jose Vale, Prior
Fr. Gregorio Chacim
Fr. Thomas Luis da Nazare
Fr. Jeronymo do Nascim.º
M.e Fr. Joaq.ºm Rebello de S. Anna
Fr. Bento de S. M Jozé
Ir. Joze de Santa Dorotheia

Fran.º Ant.º Solha
Fr. Luis Mendes de Vasconcelos
Fr. Francisco de S.ºa Roza Maciel
Fr. Jozé de S.º Thomaz
Fr. Bento de S.ºa Anna
João Alz. [Alvares] Galés
Antonyo Joze Ferreira

anexo.02

TRANSCRIÇÃO

CONTRATO DA OBRA DA CAIXA DO ÓRGÃO DA IGREJA¹

1783, 2 Setembro

Local: Casa do Despacho

“Obra que da o Reverendissimo Padre Dom Abbade Geral da Congregação de São Bento por sua absentia o Reverendo Padre Pregador prezidente do mosteiro de Tibaes a João Bernardo da Silva mestre entalhador da freguezia de São Thiago de Areas e assistente na cidade de Braga

1. ADB-UM, Notarial de Tibães, 1.º série, Livro 109, fls.121-122

anexo.02 (cont.)

Em nome de Deos amem. Saibão quantos este publico instrmento de contrato de obra ou como em direito melhor lugar haja e mais valido seja virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil Sete Sentos oitenta e três anos, aos dous dias do mês de Setembro do dito anno neste couto de São Martinho de Tibaes no mosteiro e caza do despacho delle, a donde vim ahi perante mim tabalião e testemunhas ao diante nomeadas e assignadas appareserão partes presentes e outorgantes a saber: de huma parte o Reverendissimo Padre Pregador Frei Luis Caetano de São Jose, Prior Prezidente deste dito mosteiro e da outra parte João Bernardo da Sylva da freguezia de São Thiago de Areas e assistente na cidade de Braga peçoas reconhecidas de mim tabalião e testemunhas de que dou fé. E logo por elle dito Reverendissimo Padre mestre digo Padre Prior Prezidente foi dito em minha prezença e das ditas testemunhas que elle em nome delle Reverendissimo Padre Dom Abbade Geral e deste seu mosteiro para haver de se asentar o orgão da igreja deste mosteiro se precisava de huma caixa para o dito orgão de emtalha e porque estava justo e contratado com elle dito João Bernardo da Sylva mestre emtalhador assistente na cidade de Braga para fazer a dita obra da dita caixa e na forma do modelo que se lhe entregou com toda a segurança e perfeição tanto em huma caixa em que se há de por o dito orgão como outro pello mesmo feitio em comrrespondencia pello presso e quantia de trezentos e vinte e sinco mil reis por ambas as caixas que he para cada huma sento e sesenta e dous mil e quinhentos reis e tudo feito a contento e com a segurança que lhe determinar o mestre organeiro Dom Francisco Antonio Solha e que o dito mosteiro lhe dara toda a ferragem necesaria e carretos e de comer a elle mestre andando no asento da dita obra e caldo e camas aos seus officiais durante o dito asento [fl. 121v] asento e tambem se lhe dara pedreiro para cortar alguma pedra e abrir alguns boracos cujas caixas pora prômptas a do orgão que se handa fazendo a fara the a Paschoa do anno que há de vir de mil setesentos e oitenta e quatro e a outra caixa a dara feita e acabada the o mesmo de setembro do dito anno e nesta forma dice elle Reverendissimo Padre Prior Prezidente que por este publico instrmento e na melhor forma de direito dava como deu ao dito mestre a dita obra das ditas duas caixas do orgão e toda a madeira sera tudo a custa delle mestre que como dito he as dara feitas e acabadas the o dito tempo e que faltando elle mestre a dar a dita obra concluida the o dito tempo sera este mosteiro senhor de a mandar concluir por outro mestre sendo toda a despeza que com isso se fizer por conta delle mestre e de pagar de penna tudo o que se gastar em dobro e assim o dice. E logo por elle dito João Bernardo da Sylva mestre emtalhador foi dito que elle aseitava a dita obra das ditas duas caixas e se obrigava a faze llas na forma do modelo que se lhe entregou com todas as declarações e clauzulas neste declaradas e com a penna neste cominada e dar tudo feito e acabado nos tempos asima ditos e que a tudo assim cumprir e a não hir contra este em parte nem em toda dice obrigava como logo obrigou sua pecoa e todos os seus bens assim moveis como de rais presentes e fecturos e tersso de sua alma que para o dito efeito tudo aqui epotecava com declaração que fara a primeira caixa para se por o novo orgão pella dita quantia de sento e sesenta e dous mil e quinhentos reis e chegando o dinheiro para esta fara a Segunda pella mesma quantia não chegando a fara pello que mais se ajustar e assim o declarou. E logo digo e declaro que em lugar do Reverendo Padre Prior asestio a este contrato o Reverendissimo Padre Procurador Geral da Congregação de São Bento Frei Luis de São Caetano por ter comição do Reverendissimo Padre Dom Abbade Geral para dar a presente obra o qual por estar presente dice que dava a dita obra na forma asima dita e aseitava esta obrigação e pella sua parte para todo o bom pagamento as rendas deste mosteiro e o preso da dita obra se pagara a elle mestre em tres pagamentos hum no principio da obra outro no meyo e outro no fim da dita obra e assim o dicerão, quizerão e outorga [fl. 122r] e outorgarão e de tudo mandarão fazer o presente instrmento nesta nota e dela dar os treslados necesarios os que se cumprirem e eu tabalião como pecoa publica, estipulante e aseitante que tudo estipulei e aseitei em nome da peçoas a que toca e tocar pode estando a tudo presentes por testemunhas Manoel Pinto de Magalhães e João da Costa familiares deste mosteiro que todos aqui asignarão dipois de lido por mim de que dou fe e eu Francisco Xavier da Costa Araujo tabalião o escrevi.”

Assinam:

Francisco Xavier da Costa Araujo

João Bernardo da Silva

Fr. Luis de São Caetano, Procurador-Geral da Congregação de São Bento

Manoel Pinto de Magalhães

João da Costa

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

Arquivo Distrital de Braga-Universidade do Minho (ADB-UM), Fundo Monástico Conventual (FMC), Mosteiro de Tibães, *Livros do Depósito*, N.ºs 565, 571, 577.

ADB-UM, FMC, Tibães, *Livros das Obras*, N.ºs 459-469.

Arquivo Distrital de Braga-Universidade do Minho (ADB-UM), Congregação de São Bento de Portugal (CSBP), Estados dos Mosteiros, Tibães, *Estados de Tibães*, Pastas 111, 112 e 113.

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (AMAP), Guimarães, *Livro de Notas*, 191, B-14-215, fols. 128 v - 130 r – *Contrato de*

obrigação de Dom Fr.co Solha mestre organeyro por delegação do Real Mosteyro [de Santa Marinha] da Costa.

ASCENSÃO, Marceliano da – *Crónica do Antigo Real e Palatino Mosteiro de S. Martinho de Tibaens desde a sua primeira fundação athe ao presente*, Mosteiro de S. Martinho de Tibães, 1745, fl.415. Manuscrito do Arquivo do Mosteiro de Singeverga, Santo Tirso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Natália Marinho Ferreira – *A Arte da talha no Porto na época barroca (artistas e clientela. Materiais e técnica)*. Porto: Arquivo Histórico, Câmara Municipal do Porto, 1989, 2 volumes.

BÉDOS DE CELLES, François – *L'Art du facteur d'orgues*. La Gardette, 1766-1778, 5 volumes.

BIDARRA, Ana; COROADO, João; ROCHA, Fernando – "Fingerprinting Gold Leaf from Portuguese Baroque Altarpieces". *Microscopy and Microanalysis*, 17 (S2), 2011, 1778-1779.

BLUTEAU, Raphael – *Vocabulário Portuguez e Latino*. Lisboa Occidental: Na Oficina de Pascoal da Sylva, 1712-1721, 9 volumes.

BRANDÃO, Domingos de Pinho – *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto*. Porto: [s.n.], 1984-1985. Documentação I [1450-1700]; Documentação II [1700-1725]; Documentação III [1726-1750]; Documentação IV [1750-1800].

CRUZ, António João – "A proveniência dos pigmentos utilizados em pintura em Portugal antes da invenção dos tubos de tintas". SERRÃO, Vítor. ANTUNES, Vanessa. SERUYA, Ana Isabel (Coords.) – *As preparações na pintura portuguesa, séculos XV e XVI*. Lisboa: FL-UL, 2013, 297-306.

JORDAN, Wesley D. – "Dom Francisco António Solha, Organeiro de Guimarães". *Boletim de Trabalhos Históricos*, 35 (1984), 116-136.

LE GAC, Agnès. OLIVEIRA, Paulo. DIAS COSTA, Isabel. DIAS COSTA, Maria João – "Materials for painting and gilding used in the Benedictine Community of Portugal from 1638 to 1822. Other times, other ways". DUBOIS, Hélène. TOWNSEND, Joyce – *Making and Transforming Art: Technology and Interpretation*. London: Archetype Publications, 2014, 54-74.

LE GAC, Agnès. SERUYA, Ana Isabel. LEFFTZ, Michel. ALARCÃO, Adília – "The main altarpiece of the Old Cathedral of Coimbra (Portugal): Characterization of gold alloys used for gilding from 1500 to 1900". *ArcheoSciences*, 33 (2010), 423-432 – Acessível online: <http://archeosciences.revues.org/2562>

LESSA, Elisa – *Os mosteiros beneditinos portugueses (séc. XVII a XIX): Centros de ensino e prática musical*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1998, 2 volumes. (Tese de Doutoramento).

LIDE, David R. – *Handbook of Chemistry and Physics*. CRC Press Inc, 2009 [9.ª edição].

SILVA, Antonio Moraes – *Diccionario da Lingua Portugueza*. Lisboa: Na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 2 volumes. SILVA, Joaquim Sande (Ed.) – *Árvores e Florestas de Portugal*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e Liga para a Proteção da Natureza, 2007, 9 volumes.

SERRÃO, Vítor – «Acordar as cores...»: os pigmentos nos contratos de pintura portuguesa dos séculos XVI a XVIII".

AFONSO, Luis Urbano – *As Matérias da Imagem*. Lisboa: Instituto de História de Arte/FL-UL, 2010, 97-132.

SMITH, Robert C. – *Cadeiras de Portugal*. Lisboa, 1968.

SMITH, Robert C. – *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça, escultor beneditino do século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

SOUSA, Joaquim José Caetano Pereira e – *Esboço de um dicionário juridico, theoretico, e practico, remissivo ás leis compiladas, e extravagantes*. Lisboa: Na Typographia Rollandiana, 1827. Vol. II (F-Q), "Minas".